

## O LUGAR DA MORTE NAS FILOSOFIAS DE

### PLATÃO E DE ESPINOSA

#### 1. Platão: a morte como vocação da filosofia

1.1. O diálogo platônico onde a ideia de que a morte é a vocação da filosofia melhor se expressa, é o Fédon. A isso não será estranho o próprio conteúdo temático do diálogo e as circunstâncias particulares em que ele se desenrola. Devido a elas, o diálogo assume um ambiente misto de dramatismo e de beleza, ambiente que é aliás o mais propício para fazer a elegia do verdadeiro e modelar filósofo (Sócrates) que encara com uma serenidade e um à vontade exemplares a morte que lhe está prestes a chegar. Por tudo isso o Fédon presta-se da melhor maneira para abordar a problemática da relação filósofo-morte-sabedoria. Af se afirma inequivocamente que a vida deve ser a preparação para aquele momento inevitável da desvinculação do corpo e da alma, ou seja, que a vida deve ser uma espé-

cie de preparação ou aprendizagem para a morte. Eis o que textualmente se afirma, numa passagem do referido diálogo:

"Suponhamos que seja pura a alma que se separa do corpo: deste, ela nada leva consigo pela simples razão de, longe de ter mantido com ele durante a vida um contacto voluntário, ela conseguiu, evitando-o, concentrar-se em si mesma e sobre si mesma, e também pela razão que foi para esse resultado que ela tendeu. O que equivale exactamente a dizer que ela se ocupou, no bom sentido da palavra, com a filosofia, e que, de facto, sem dificuldade se preparou para morrer. Poder-se-á dizer pois, de uma tal conduta, que ela não é um exercício para a morte?

-Sim, realmente é isso". (Fédon, 80 e)

À concepção de filosofia como exercício para a morte estão ligadas duas outras ideias que persistentemente percorrem o diálogo (como aliás a própria filosofia platónica): a de que o corpo é um obstáculo à contemplação da verdade e a de que o processo de libertação do corpo que culmina na morte, é a via de acesso à verdade.

1.2. A afirmação de que a vocação do filósofo é a morte, assenta em dois pressupostos funda-

mentais que lhe conferem sentido: em primeiro lugar o de que a alma é imortal (tese que é aliás defendida no Fédon de três maneiras diferentes); em segundo lugar, o de que a alma, na sua qualidade de imortal contemplou já o reino da eternidade (ou seja, para Platão, o da Verdade) mas que quando da sua clausura no corpo, o seu poder de contemplação directa foi anulado, restando à alma apenas alguns índices evanescentes, ou uma certa rememoração dessa Verdade. A teoria da rememoração, mais do que afirmada, é exemplificada por Sócrates na célebre aula de geometria do Ménon, e sintetiza-se na fórmula: aprender é recordar.

O esforço de recordação que conduz à sabedoria consiste no esforço de remover os obstáculos que nos impedem de ver claramente as verdades que em nós pré-existem, isto é, consiste no esforço de nos concentrarmos sobre aquela parte de nosso ser que tem características similares ao ser da Verdade. Numa palavra, devemos-nos libertar do corpo através de um processo que nos purifique do seu contacto ohnubilador. Porque, se a verdadeira aquisição do saber é feita por via intuitiva, e terá que terminar necessariamente na contemplação inteligível, então a luta pela verdade é também a luta

contra o corpo perturbador e inconveniente.

1.3. A ideia de que a alma se deve libertar do corpo a que está acorrentada e a de que o saber se encontra a um nível contemplativo, é expressa por Platão na República, através da ideia de dialéctica e ilustrada por três alegorias: a da Caverna, a da Linha, e a do Sol.

Eis como Platão define o método dialéctico:

"O método dialéctico é o único que procede por meio de destruição de hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los as artes que analisámos". (República, 533 c-d, o sublinhado é meu).

As artes a que o texto faz referência constituem o currículo das disciplinas preconizadas por Platão, para aqueles que, na polis ideal, passavam à fase superior dos estudos, currículo esse constituído pelas chamadas disciplinas de despertar, que visavam fundamentalmente a disciplina mental e o desenvolvimento do poder de pensamento abstracto. Note-se pois, que também neste

projecto de carácter formativo, a preocupação é a da valorização do espírito.

A ascensão do sensível para o inteligível, do mutável para o imutável, é ilustrada na alegoria da Caverna e esclarecida pela alegoria da Linna. O meio de apreensão da verdade, a contemplação, e o seu objecto supremo, o Bem, são ilustrados pela alegoria do Sol.

Sem entrarmos promenorizadamente na análise destas três símiles, podemos todavia reter deles algumas ideias de interesse, a saber: que a Verdade só pode ser captada pela alma (ambas se movem na esfera da eternidade); que a alma a capta de uma forma intuitiva, isto é, contemplativamente; que o caminho que leva à contemplação é paralelo ao caminho da purificação da alma; que o fim último do filósofo é a contemplação do Bem.

Da junção destas ideias com o que já foi referido precedentemente, podemos concluir que a vocação do filósofo é a morte, pela qual a alma, preservada do seu contágio com o corpo, se lança definitivamente no absoluto. Uma vez mais é reafirmada a ideia de que a vocação do filósofo, da sabedoria, é a morte, e que só a morte realiza o desejo e a aspiração do homem: a eternidade, o

absoluto, a completude, enfim, a sutura de uma ferida que o ser homem obriga a transportar. Morre o mortal, liberta-se o imortal.

1.4. As conclusões acerca do lugar da morte na filosofia de Platão, não são difíceis de extrair e podem sintetizar-se no seguinte: a morte aparece na filosofia de Platão como o espaço onde se realiza a mais desejada transmutação do filósofo: pela morte, o homem reentra no reino deificado da eternidade, pela morte o filósofo concretiza esse sonhado salto metafísico que lhe permite ascender ao absoluto. A morte aparece, neste sentido, como o significante chave da própria vida, significante que lhe confere sentido e torna suportável a sua escassez.

Todavia, a ideia de morte como espaço de transmutação do homem não deixa de ser paradoxal e conduzir mesmo a frustrantes conclusões: pois que nesse reino deificado da contemplação (a que se acedeu pela morte), o homem deixou propriamente de ser homem, reduzido que ficou a um olhar puro que já nada tem de humanidade.

## 2. Espinosa: a filosofia como negação da morte

2.1. A filosofia de Espinosa é, em todos os sentidos, uma filosofia da potência, e a sua crítica das paixões tristes é bem elucidativa da intenção central que orienta a sua reflexão filosófica: a de devolver o homem às suas potencialidades.

A morte não poderia por isso encontrar lugar na lógica do gozo e do desafio que deve modelar a vida humana.

Em Espinosa, encontramos do outro lado da filosofia de Platão: nem a vocação do filósofo é a de morrer, nem a vida um culto da morte.

A vida, concebida por Espinosa como potência de agir é um movimento contínuo de desalienação, de atenção constante aos fantasmas da superstição, de subversão de toda a prática manipuladora.

Enquanto esforço de perseverança no ser, a vida é também a arte de realizar bons encontros, e, principalmente, capacidade de se transformar em alegria devastadora, alegria pela qual toda a lógica da submissão é minada por uma prática da afirmação.

A vida humana é sem alternativa e a ideia

da nossa morte é uma ideia contraditória e racionalmente impensável.

Mesmo lá, onde a ideia da nossa morte poderia ganhar forma, isto é, no registo imaginário, ela não o ganha senão sob a forma de uma denegação. Porque, com efeito, não podemos pensar a nossa própria morte, e se alguma vez a chegamos a pensar, esse pensamento "não pode ser rigorosamente senão o pensamento da morte de um outro". (M. Bertrand, Spinoza et l'imaginaire, P.U.F., 1983, p.98)

A problemática acerca da morte e a preocupação com a morte, não se pode senão colocar e ecoar nos confins do imaginário, lá onde, por um mecanismo que lhe é próprio, o poder imanente do homem se transcendentaliza, pondo-o assim à mercê das suas próprias fabulações redentoras. O homem abre assim, ele mesmo, as portas à sua servidão e permanece prisioneiro da sua própria potência imaginária.

Há que saber reconhecê-la, e, sobretudo, colocá-la ao serviço daquele que por ela é significado.

O homem reconhecerá então que "a hilaridade não pode ter excesso, mas é sempre boa" (Ética IV, prop. XLII). Imensa gargalhada.



Livre como se tornou, a reflexão sobre a morte passa a carecer de sentido, pois que, "o homem livre em nada pensa menos que na morte; a sua sabedoria não é uma meditação da morte, mas da vida". (Ética, IV, prop. LXVII).

A morte deixa de ser o espectro limitador da existência desprovida como ficou na sua significação nesta nova lógica onde a negação de ser se reconhece impossível e onde toda a filosofia e toda a criação humana traduzem afinal afirmação de si mesmo e esforço de perseverança no ser.

Por isso mesmo, tal como o sábio "nunca deixa de ser, mas goza de verdadeiro contentamento interior" (Ética V, prop. XLII, escólio), também a filosofia não é nunca uma preparação para a morte, antes, a sua negação.

Rui Grácio